

## **Ciclo II**

# **A Medicina e a Psicanálise: o embate de saberes**

**Rodrigo Garcia D'Aurea**

**Terça-feira - Noite**

### **Justificativa**

Após decorrido quase um ano de formação em psicanálise, observo mudanças importantes na minha prática. Mudanças notáveis tanto no trato, quanto no entendimento e na condução dos casos que me são apresentados como médico,

trabalhando em uma Unidade Básica de Saúde no sistema público brasileiro. Entender essas mudanças permite uma visão mais crítica do trabalho e de seu objeto. Pelos motivos expostos, pretendo então apresentar e compreender como se mostram essas mudanças.

### **O campo epistemológico médico**

A constante busca pela “melhor terapêutica” - a busca da resposta mais “correta” ou “efetiva” e o consequente envolvimento constante com a dualidade entre o normal e o patológico - são marcas do campo epistemológico médico desde tempos imemoriais. Na mitologia grega, por exemplo, Esculápio - que embora filho de deuses com mortais é tido como um deus, ainda que não participe do Panteão grego - é descrito como filho de Apolo, filho de Zeus, e Corônis, uma mortal. Apolo tinha como atribuições purificar os pecados, presidir sobre a Religião, sobre as cidades e, como uma das principais, ser a Luz da Verdade. Patrono do Oráculo de Delfos, teria sido responsável, portanto, por toda definição de “certo” e “errado” que se encontrava sob sua influência. Temos, portanto, um campo do saber nascido de um auto-intitulado deus, além de senhor e detentor da Verdade.

Como amplamente explorado por Foucault, a “Grande Verdade” que o campo do saber médico detinha foi usada diversas vezes como ferramenta de exclusão e de violência social. As doenças incapacitantes, mentais, psiquiátricas ou deformativas ocuparam o espaço que em outras épocas fora da Bruxaria e da Maldição, sendo utilizadas para a exclusão desses indivíduos do convívio em comunidade. Como definido por Canguilhem, o conceito de normatividade da vida participa de um núcleo

epistemológico, caracterizado no ambiente heurístico da atividade clínica, como meio para entendimento da racionalidade médica. A busca constante pela norma - e a derivação associada de busca do “normal” e a consequente definição de patológico - pautou não só a Prática Médica como a dita Ciência Médica, na sua exploração do que entende como Real.

### **A construção da Medicina**

O saber médico fez sua lenta progressão de magia xamanística à saber científico concomitantemente com a própria evolução do Saber na humanidade. A Medicina Humoral, originada na Grécia Antiga e uma das primeiras normativas para o saber médico, em que líquidos (ou, os humores) regiam o equilíbrio (ou, a homeostase) do sujeito. O sangue, a bile amarela, a bile negra e o fleuma teriam diferentes características e a expressão destas determinavam as características comportamentais - e exposições patológicas - do sujeito.

A Medicina fez então sua transição, influenciada pela tradição persa dos povos médicos, de onde a Medicina recebe seu nome, pela tradição renascentista do Século XIV, que a tira do “obscurantismo” da Idade Média, chegando ao Iluminismo do Século XIX, em que o conhecimento científico se sobressaía.

O conhecimento médico, necessariamente sendo passível de estudo nas Universidades, fez com que a Medicina e seu objeto de trabalho fossem “promovidos” de “Antiga Magia” do séc. XIV a “Conhecimento Científico” do séc. XIX, estando então no bojo dos pressupostos metodológicos positivistas e empiristas, impondo-se institucionalmente como produtora de verdades, como dissertado por Foucault no

*Nascimento da Clínica.* O saber, portanto, deveria ser provado para ser reconhecido, devendo possuir um objeto passível de observação, experimentação e análise. Nesse contexto, justifica-se a racionalidade anátomo-clínica que permeou a consolidação do saber médico na modernidade, em que o principal objeto de investigação se configura na doença ou no corpo do ser que adocece.

O saber médico entrou, então, como figura central nas Sociedades Disciplinares, tendo papel cabal na transformação dos sujeitos em figuras dóceis, úteis e produtivas (ditas, saudáveis), perfeitamente encaixadas numa lógica Capitalista de produção. Foucault reconhece, portanto, o discurso médico como uma expressão da microfísica – equação – entre saber e poder.

Considerando o histórico apresentado, há que se entender como se dá a prática da clínica médica moderna, que compreende determinada verdade sobre um fato patológico e, portanto, uma terapêutica cujo foco é a identificação da doença, abstraindo um sujeito pertencente a um campo social, cultural, econômico, familiar e biológico. Não é o patológico que funciona em relação à vida, mas um doente que funciona em relação à própria doença, pois muito aquém do empreendimento de restaurar a vida, reconhece-se que é fundamentalmente porque morremos que adoecemos.

### **A construção da Psicanálise**

A Psicanálise nasce quase como filha bastarda da Medicina, no momento em que um médico - Freud - se dá conta de que naquelas “patologias” aonde não se havia o “provável” ainda assim existia “Verdade”. Ainda regido pelo cientificismo típico dos

séculos XVIII e XIX, passa a observar e empiricamente concluir processos lógicos porém não-galgados em nada Positivo em si. Envolto pelo reino do Positivismo, Freud inaugura um campo epistemológico próprio, aonde o Positivo não é central a questão da Ciência em voga.

Desenvolve suas Tópicas, que não são excludentes entre si, e a partir das quais inúmeras teorias foram desenvolvidas posteriormente. Jung, Lacan, Klein, são alguns dos exemplos que discorreram teorias próprias sentados sobre os ombros de Freud. Variantes entre si, diversas em suas concepções, essa miríade de teorias constróem o Campo, de maneira plural e concomitante. São teorias que não se apresentam como excludentes, e nem ao menos complementares, mas que co-existem gerando “adeptos” ou signatários dessas teorias. Adeptos que muitas vezes o fazem pelo simples aproximaço intelectual e afetiva com este ou aquele teórico.

Essa pluralidade de teorias e de formas de pensar reflete o não-determinismo do campo, que por sua vez, apresenta-se também nas práticas. O paciente é o responsável por decifrar-se, enquanto o analista se coloca como esfinge à enigmar. Não é do profissional do Campo a prerrogativa de levar àquele a quem se atende a chama do conhecimento técnico. Alm disso, observa-se aqui que o objeto de trabalho da Psicanálise se apresenta de forma não-Positiva: o Inconsciente. Dado isso, não é possível de ser decomposto e recortado, denotando a importância do próprio analisante em analisar-se, sendo o analista responsável por prover ao analisante os enigmas necessários à reflexão de si próprio. A busca aqui não é da certeza, mas sim da incerteza, da problematização. O objeto de trabalho é tido e estudado em toda a sua complexidade, sem decomposições.

## **A mudança na prática**

Eis que me encontro em meio a essa encruzilhada entre a certeza cartesiana positivista e a incerteza hermenêutica gadameriana. A batalha posta entre Apolo e Hermes traz luz a questionamentos sobre a existência da Verdade bruta e dada, que transpassa não só para o estudo da Medicina e a análise das onipotentes evidências científicas, mas para o entendimento do paciente-sujeito-ator. Levanta-se então a questão fundamental de quem detém a sabedoria sobre a doença: o médico, detentor da técnica, ou o paciente, vivenciador da prática.

O embate entre as abordagens parece ter seu cerne residindo exatamente no ponto de apreender quem é o detentor da chave que destrava o cadeado da doença, a quem pertence a prerrogativa de decifrar o enigma posto, seja na capacidade de criar conhecimento e êxito técnico, seja na capacidade de apreender entendimento e sucesso prático.

## **Conclusão**

Concluo que o estudo da psicanálise tem trazido não só o entendimento do aparelho psíquico - esse misterioso aparato dentro do mundo médico - mas a apresentação de um novo entender o Entender, extrapolável para além do entendimento do caso. A idéia de que é possível a existência de várias interpretações para uma mesma situação, para uma mesma questão, quebra a noção consolidada de que existe uma Verdade e o de que o Método nos aproxima dela. De certa forma, foi a quebra de um paradigma dogmático aonde a ciência cartesiana clássica, e a sua decomposição do objeto de estudo em pequenas partes, apresenta a solução para o entendimento de qualquer questão dada pelo homem. Foi a abertura de um novo Olhar

sobre o Mundo, aonde as questões podem ser estudadas dentro de toda a sua miríade de complexidades.